



## CAMINHOS da CARDIOLOGIA

Coordenador—Luiz V. Décourt

Os professores Benchimol e Saad focalizam, com a competência esperada e com o afeto desejável, os aspectos básicos da vida e da influência de um homem que foi símbolo e exemplo. Cardiologista de alta competência, sempre atuante, médica e socialmente, lutou, em todos os campos, pelo progresso da especialidade, como ciência aplicada e como estímulo para fraternidade.

Ele mesmo confessou em sua autobiografia que, já no início das atividades na Harvard Medical School, dedicava quatro a cinco horas diariamente a cada um dos setores de seu programa: o ensino, a pesquisa e a prática, de modo que “every day was a long day”. Por outra, a nobreza de caráter levou-o a permanente cogitação pela paz mundial, e, então, ao interesse pelo

papel da comunidade médica internacional nesse campo. Foi exemplo para todos os que, mesmo por curto período, participaram de sua convivência (e eu tive esse privilégio) e sentiram seu carisma.

A “década de 20”, na qual situa o início de suas atividades em cardiologia, marca também, como evidência o presente artigo, o começo de uma fase que levaria, dentro de anos, ao advento de nova época no conhecimento das doenças do coração. E, como disse um companheiro, Paul White foi o estimulador da nova geração que passou a manter a tocha do desenvolvimento.

**Luiz V. Décourt**  
**Coordenador**

## PAUL DUDLEY WHITE E OS PRIMÓDIOS DA MODERNA CARDIOLOGIA

AARÃO B. BENCHIMOL, EDSON A. SAAD  
Rio de Janeiro, RJ.



Paul Dudley White, médico, professor e pesquisador, foi uma destas figuras onde a natureza dignifica a espécie, pelas qualidades excelsas, atuais para o mundo de hoje, que o singularizam entre os demais.

Sua contribuição à Cardiologia foi vasta e relevante, não minimizada, talvez banalizada, pelo inexorável progresso do conhecimento humano, mas sua conduta como médico, professor e pesquisador enaltece os maiores valores do espírito e constitui verdades que tremulam eternas e até hoje nos ecoam nos ouvidos.

Paul White nasceu em 6 de junho de 1886 em Roxbury, Massachusetts. Recebeu seu doutorado em medicina pela Universidade de Harvard em 1911, ao qual se seguiu o internato no Massachusetts General Hospital (MGH) em 1912 e 1913. Nos dois anos seguintes foi pós-graduando na Escola de Medicina do University College Hospital em Londres sob a orientação do grande mestre Sir James Mackenzie e seu discípulo

Sir Thomas Lewis. Retornou no outono de 1914 para o MGH, na posição de Fellow em Medicina da Harvard Medical School, onde instalou o primeiro eletrocardiógrafo de Einthoven, fundou um departamento especializado e organizou as clínicas cardiológicas de adultos e crianças, no que é considerado o início da cardiologia americana.

A primeira Guerra Mundial interrompeu o seu trabalho, e durante ela trabalhou como Oficial Médico da Força Expedicionária Britânica (1916), depois Oficial Médico da Força Expedicionária Americana (1917-1919), ambas na França, e finalmente (1919) Oficial Médico da Cruz Vermelha Americana na Grécia, onde recebeu condecorações. De 1920 em diante foi a alma criativa do Laboratório de Cardiologia do Massachusetts General Hospital, do qual foi diretor. Além disso, foi a força impulsionadora da Clínica e Patologia no campo das Doenças Cardiovasculares na Escola Médica de Harvard, onde foi "lecturer" e Professor.

O Dr. White permaneceu em atividade por mais de 60 anos, com o mesmo vigor e entusiasmo, e dele dizia-se que não houve assunto cardiológico sobre o qual não tenha escrito e comentado. Publicou 598 tra-

---

Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Correspondência: Aarão B Benchimol—Av. Rui Barbosa, 666/1002—22250—Rio de Janeiro, RJ.

---

balhos, 112 outros escritos e 12 livros, entre os quais desponta o clássico “Heart Disease”, um dos mais notáveis tratados de cardiologia da sua época, tendo merecido quatro edições, sendo a primeira em 1931 e a última em 1951<sup>1</sup>. Este livro serviu de grande estímulo à cardiologia americana, e tornou-se o modelo pelo qual todos os outros eram aferidos.

Passando pelo estudo do processo excitatório ao coração do cão em colaboração com Sir Thomas Lewis, e vários outros trabalhos clínicos sobre arritmias, despontam na contribuição de White à Cardiologia (Sprague, 1969<sup>2</sup>):

- o primeiro diagnóstico pré-mortem de infarto agudo do miocárdio;
- o reconhecimento da oclusão coronária;
- a descrição da endocardite bacteriana subaguda;
- a caracterização da fibrilação atrial paroxística;
- a descrição da Síndrome de Wolff-Parkinson-White (WPW).

A caracterização desta síndrome<sup>3</sup>, bem exemplifica o método de trabalho de White. Wolff era um interno, quando em 2 de abril de 1928 um paciente de 35 anos, com surtos de fibrilação atrial paroxística e outros de taquicardia paroxística atrial, foi visto em sua clínica privada. O eletrocardiograma apresentara todas as características do que hoje se descreve com o nome de síndrome de WPW. Intrigado com eras, White determinou a Wolff que procurasse traçados semelhantes nos arquivos do MGH.

Prudente, não quis publicar estas observações iniciais sem saber o que dela pensavam outros médicos. Viagrou para Europa, incluindo no seu programa esse assunto. Scherf, em Viena, julgou que o PR curto se devesse a um mecanismo envolvendo o nódulo AV o que já havia sido suspeitado, porém afastado. Em Londres, Lewis não dedicou maior interesse ao assunto, não chegando mesmo a ver os eletrocardiogramas. Contudo, Sir John Parkinson levantou vários casos semelhantes em seus arquivos. Com a reunião dos casos de Boston e de Londres surgiu então a primeira publicação sobre o assunto, em 1930<sup>3</sup>. Curiosamente Wolff e Parkinson somente vieram a se conhecer pessoalmente em 1954 quando foi feita a foto da figura 1.

O primeiro paciente de White veio a falecer 27 anos depois, em agosto de 1955, aos 62 anos, subitamente, tendo apresentado angina de peito nos seus últimos quatro anos.

Com base nos estudos de Richard Cabot, seu mestre na Universidade de Harvard, White foi o primeiro a insistir em que descobrir a causa das diferentes cardiopatias seria mais importante do que reconhecer a sua alteração estrutural e assim apresenta na 1ª edição de seu livro (1931) a classificação dos diferentes tipos de cardiopatia com base etiológica, fato novo até então.

Foi o pioneiro da epidemiologia cardiovascular e a insistir que a prevenção das doenças cardiovasculares deveria ter prioridade sobre o seu tratamento.

Dentro desta ordem de idéias, foi o primeiro a focalizar o papel do fumo, descrevendo em 1935<sup>4</sup> 21 casos de infarto agudo do miocárdio em homens com menos de 40 anos, todos fumantes, tendo então associado o vício com a doença coronária.

Em que pese ter Paul White escrito muitos livros e centenas de trabalhos científicos, a sua maior contribuição foi sem dúvida seu otimismo<sup>5</sup>. De tudo o que foi dado aos autores depreender do que foi escrito sobre ele, ressalta que a maior contribuição deste grande homem à cardiologia e à humanidade, sem em nada diminuir a sua estatura científica, foi Paul White ele mesmo.



Fig. 1—Dr. Wolff, Sir John Parkinson e Dr. White, defronte do Bullfinch Building, do Massachussets General Hospital em 1954. (reprodução de American Journal of Cardiology com permissão).

O que se relata a seguir são extratos de opiniões, ângulos de enfoque de amigos colaboradores e/ou discípulos seus, emitidas já na plenitude de sua maturidade científica, que ajudam a compreender a personalidade médica e científica de Paul White e, como o leitor poderá depreender, a sua perene lição e seu exemplo para o mundo atual. Personalidade de Paul White: energia, vigor, entusiasmo, delicadeza, inquietação intelectual, precisão, curiosidade, cultura deste pioneiro da cardiologia (Dack)<sup>6</sup> e que constituíam as qualidades de Paul White que a todos contagiava<sup>7</sup>. O pioneirismo do Dr. White na prevenção das doenças circulatórias está expresso em alguns conselhos seus; “ande mais, coma menos e durma mais”, o que aliás

ele ensinou pelo exemplo (Del Campo)<sup>8</sup>. Como médico, foi “humilde, polido, delicado, paciente, modesto, deliberadamente cuidadoso e extremamente competente” escreve Smithwick<sup>9</sup>, seu colaborador durante muitos anos sobretudo no estudo da doença hipertensiva.

Todas estas qualidades certamente lhe granjearam admiração e respeito, especialmente em quadras em que o homem provavelmente amava mais e se degladiava menos mas, aparentemente, não só, a julgar por acertivas, sendo das mais pitorescas “o homem que não tem inimigos, tem alguns amigos dos quais deveria se envergonhar”.

Gunnar Björck<sup>10</sup> deu um dos testemunhos mais vivos sobre a personalidade exemplar deste mestre. “Ninguém que eu tenha encontrado na medicina clínica foi tão genuinamente interessado em formar e registrar informações factuais sobre pacientes como PDW, e nenhum outro, dentro do meu conhecimento, acumulou tão vasta e documentada experiência pessoal em cardiologia clínica.”

“A sinceridade genuína da sua abordagem, a solução magistral de situação complexa traduzida em palavras simples, e contudo absolutamente precisas, com a devida consideração pelos sentimentos humanos, sem afrouxamentos sentimentais,—qualidades que compõem uma autoridade absoluta que caracteriza os grandes clínicos de todos os tempos.”

Em uma era em que a tecnologia médica por vezes suplanta o humanismo e as qualidades dos grandes médicos, este retrato-modelo é sobremodo atual e mesmo comovente!

Já sendo autoridade internacional em doenças do coração, aumentou a sua projeção nacional nos EUA como cardiologista do Presidente Dwight D. Eisenhower. Ele era aliás famoso pelo cuidado que dispensava a cada um dos seus pacientes, a quem transmitia grande confiança e dava a maior consideração.

Viajou extensamente pelo mundo, tendo sido mestre de vários discípulos eminentes em inúmeros países, inclusive na China que ele visitou em 1971, já em idade avançada, e onde foi recebido como convidado de honra da Associação Médica Chinesa.

Por que, e quais as repercussões de suas inúmeras viagens, se depreende de dois comentários que se seguem.

“As aparições de White, entre suas inúmeras viagens, eram avidamente esperadas, e então ele nos brindava com suas descobertas turísticas, bem como as científicas” (David)<sup>11</sup>.

“Ele foi o Embaixador da Cardiologia Americana. Suas longas jornadas para todas as partes do mundo testemunham a sua imensa energia, e por todo lugar onde vá, leva consigo boa fé, generosidade e competência. Ele serve assim a causa da paz, uma vez que para ele a Medicina é um instrumento da paz entre os povos, a cuja causa ele serviu como Embaixador com extraordinária perseverança” (Donovan)<sup>12</sup>.

O testemunho de Hurst<sup>5</sup>, seu último associado em treinamento, é particularmente informativo.

“Sua enorme influência deriva de suas excepcionais qualidades, que constituem para ele um estilo de vida.”

“Ele é tão dotado de gentileza e comiseração que é impossível para ele acreditar que alguém possa fazer algo de mal.”

“Ele começou a cuidar de pacientes com doenças cardíacas em uma época em que neste país (EUA) isto era tido como desaconselhável. As qualidades de professor e a influência no comportamento que White exercia nos seus discípulos estão bem expressas nesta frase: “de alguma maneira se entendia, após trabalhar com ele, que se espera de você que observe, registre, escreva e ensine.” Eis aqui o Mestre acabado, que ensina pelo exemplo, o Mestre-modelo de que tanto necessitamos hoje nas nossas escolas de Medicina.

“Ainda que ele tivesse escrito vários livros e centenas de trabalhos científicos, sua maior contribuição foi o entusiasmo.”<sup>5</sup> A arguta apreciação de Roberto Tarazi<sup>13</sup> constitui, a nosso ver, o maior tributo à personalidade de Paul White.

“White possui a combinação que faz da medicina uma das mais preciosas vocações: a mistura do verdadeiro amor e cuidado pela humanidade e um espírito científico inquisitivo.”

“Existem dois tipos de pessoas ativas e de visão profunda: o primeiro tem um gênio terrível para detectar o mal escondido, e talvez inconsciente, em cada um, e na natureza humana; o segundo tem o dom supremo de ver, por menores que sejam, as sementes do bem, e a luz em cada iniciativa.”

E esta compreensão ajuda, de alguma maneira misteriosa, a desenvolver as melhores potencialidades nos outros indivíduos. White tinha a rara habilidade de ver em cada situação, e em cada indivíduo, as potencialidades do bem, e assim, sem nenhum acordo de conveniência ou acomodação por omissão, e também sem nenhuma rudeza ou desdém pelas dificuldades locais, ele criava uma atmosfera de entendimento<sup>13</sup>.

Assim era White. Dentro de sua grandeza, o homem que sabia amar, apreciar, estimular e trazer paz.

Deve-se também a White, entre outros, o conceito de atividade associativa em nível mundial, culminando com a fundação da Federação Internacional de Cardiologia.

Para Sprague<sup>2</sup> aplicava-se a ele o que Laennec afirmava sobre Cespard Laurent Bayle, nascido em 1774, e assistente de anatomia de Corvisart, aqui transcrito pela beleza deveras singular do exemplo como figura humana. “Dotado de um fantástico poder de concentração e perseverança, nada poderia cansá-lo ou modificar-lhe o bom humor; na verdade a aplicação parecia tão inerente aos seus hábitos que nenhum de seus amigos ou discípulos jamais o teria visto com lassidão, desencorajamento ou negligência, ou a omitir-se a fazer o que deveria ter sido feito.”

Manteve vários contactos com médicos brasileiros em Congressos Mundiais de Cardiologia e visitou o Brasil

em 1960 por ocasião do VI Congresso Interamericano de Cardiologia. Subseqüentemente examinou em Boston o Presidente Café Filho, então em convalescência de infarto do miocárdio, e foi mesmo apoiado por ele para o prêmio Nobel da Paz.

Paul Dudley White permaneceu ativo até idade avançada, tendo falecido em 31/10/1973.

Tão fecunda e incessante foi sua atividade que no ano de seu falecimento ainda publicou 5 trabalhos<sup>14-18</sup>.

Mereceu vários obituários. Entre outros, os de Klump<sup>19</sup>, Lancet<sup>20</sup>, Shirley Smith<sup>21</sup>, Hurst<sup>22</sup>, Friedlich<sup>23</sup>, Dimond<sup>24</sup>, David<sup>25</sup>, Preventive Medicine<sup>26</sup>, West Virginia Med J<sup>27</sup>, Puddu<sup>28</sup>, Spodick<sup>29</sup>, Ingelfinger<sup>30</sup>, e Puddu<sup>31</sup>.

Sua atividade incessante foi coerente com sua citação frequente<sup>5</sup> das palavras de Robert Frost<sup>32</sup>.

"The woods are lovely dark and deep

But I have promises to keep

And miles to go before I sleep

And miles to go before I sleep."

ou em vernáculo

"os bosques estão lindos, negros e profundos\*

Mas eu tenho promessas a pagar

e milhas a caminhar, antes de dormir

E milhas a caminhar antes de dormir."

\* uma imagem da morte nos poemas de Frost.

#### REFERÊNCIAS

1. White PD—Heart Disease (4 edições; 1931, 1937, 1944 e 1951). New York, Macmillian Co.
2. Sprague HB—Reminiscences of early days. Am J Cardiol, 1965; 15: 548-50.
3. Wolff L—The Wolff-Parkinson & White Syndrome. Am J Cardiol, 1965; 15:553.
4. White PD—Coronary heart disease and coronary thrombosis in youth. An analysis of four cases under age of thirty years, twenty-one cases under the age of forty years, and one hundred thirty-eight cases under the age of fifty years. J M Soc New Jersey, 1935; 32: 596-603.
5. Hurst JW—Dr White and a way of life. Am J Cardiol, 1965; 15: 473
6. Dack S—A special issue honoring Paul Dudley White. Am J Cardiol, 1965; 15:433.
7. Dimond EG—Paul Dudley White, a portrait. Am J Cardiol, 1965; 15:435.
8. Del Campo PE—A lunch with P.D.W. Am J Cardiol, 1985; 15: 451.
9. Smithwick R—The Smithwick procedure. Am J Cardiol, 1965; 15: 532-4.
10. Björck G—The essence of the physician's art. Am J Cardiol, 1965; 15:453.
11. David P—An example of dynamism, optimism and humanity. Am J Cardiol, 1965; 15: 4634.
12. Donovan H—Miss D's bird's eye view. Am I Cardiol, 1965; 15: 462.
13. Tarazzi R—Dr. Paul White in Egypt. Am J Cardiol, 1965; 15: 535.
14. White PD—The early infancy of preventive cardiology. Trans. Am Clin Climatol Assoc, 1973; 84: 17-21.
15. White PD—The cardiothoracic ratio. JAMA, 1974; 225: 525.
16. White PD—Coronary artery spasm. N Engl J Med. 1973; 288: 1355.
17. White PD—Deep vein leg thrombosis. Am Heart 1,1973; 85: 843.
18. White PD—The tight-girdle syndrome. N Engl J Med. 1973; 288: 584.
19. Klump TD—Paul Dudley White. Med Times, 1974; 102: 62-4.
20. Paul Dudley White Lancet, 1973; 2: 1101.
21. Shirley Smith K—Paul Duddley White. Br Heart J, 1974; 36: 608.
22. Hurst JW—An appreciation of Paul Dudley White, 1886-1973; "I'm not through yet." Circulation, 1974; 49: 199-202.
23. Friedlich AL—An appreciation of Paul Dudley White, 1886-1973; James B Herrick award acceptance. Circulation, 1974; 49: 203-4.
24. Dimond EG—Paul Dudley White 1886-1973. Am J Cardiol, 1974; 33:319.
25. David P—Docteur Paul Dudley White. Union Med Canad, 1974; 103: 126-9.
26. Preventive Medicine: Octagenarians Winners of AHF Prizes. (Paul Dudley White, Elmer H Bobst), Prev Med. 1974; 2: 452-6.
27. West Virginia Medical Journal—Paul Dudley White, MD, W Va Med J. 1974; 70: 44-5.
28. Puddu V—Paul Dudley White (1886-1973). G Ital Cardiol, 1973; 3: 771-4.
29. Spodick DH—Editorial—P.D.W. The gentle titan Paul Dudley White. June 6,1886-Oct. 31,1973. JAMA, 1973; 226: 1459.
30. Ingelfinger JF (Editorial)—Paul Dudley White, 1886-1973. N Engl J Med. 1973; 289: 1251.
31. Puddu V—An appreciation of Paul Dudley White 1886-1973. Memorial Servives Remarks, Circulation, 1974; 49: 205.
32. Frost R—"Stopping by woods on asnowy evening." In: Complete Poems of Robert Frost. Holt, River Hart and Winston, Inc., 1923.